

A mensagem de Natal de JK

» SILVESTRE GORGULHO

Ex-secretário de Comunicação e ex-secretário de Estado de Cultura do Distrito Federal

O ano era de 1957. Dia de Natal. Juscelino Kubitschek de Oliveira era o presidente da República.

Com seu amigo e companheiro de todas as horas, coronel Affonso Heliodoro, o presidente JK deixou o Palácio do Catete e tomou o rumo de Jacarepaguá. A pequena comitiva se dirigiu a uma casa fundada em 19 de agosto de 1918, que era fruto do sonho e persistência de um dos maiores e mais bem-sucedidos artistas brasileiros: Leopoldo Fróes.

Nascido em Niterói (30 de setembro de 1882 – Davos, 1º de março de 1932), Leopoldo Fróes sempre quis ser artista. Mas a família o obrigou a fazer curso de direito. Formado, foi conseqüido para ele um cargo diplomático. Como diplomata, em Paris, o que menos fez foi frequentar a embaixada. Fez, sim, um curso de ator. Estudou, formou-se e estreou em Portugal com a peça *O Rei mal-dito*. Voltou para o Brasil, onde montou uma empresa com a atriz Lucília Peres. Fez sucesso no teatro, no cinema e como cantor no Rio e em São Paulo, entre 1917 e 1927.

E, naquele dia de Natal de 1957, o presidente JK foi visitar um sucesso de Leopoldo Fróes que dura até hoje: o Sindicato da Casa dos Artistas, mais conhecido como Retiro dos Artistas. Sim, Leopoldo Fróes tinha essa preocupação social com os artistas em situação de vulnerabilidade. Muitas vezes, não é apenas por falta de dinheiro, mas são questões familiares, problemas de saúde e outras dificuldades no ocaso da vida.

JK chegou à tardinha naquele espaço encantado de 15 mil metros quadrados, com refeitório, teatro, cinema, biblioteca e umas 50 casas. Affonso Heliodoro preparou o ambiente, reuniu todos os artistas presentes, e Juscelino fez a seguinte mensagem, que foi lida mais tarde na Voz do Brasil. Como o próprio JK disse: “Da Casa dos Expostos, lar dos que nasceram sem lar, envie a minha mensagem fraterna, os meus votos de paz e de bem-estar, para todos os que vivem nesta grande Pátria”. Vale a pena conhecê-la:

“Este voto de Paz é um voto de todos os dias, é um anelo de todos os instantes, nasce, como a mais veemente súplica, no coração do homem, desde que o entendimento do mundo lhe alumia a consciência.

Mas a comunhão de Cristandade, no Natal, a união dos espíritos, neste dia extraordinário, renova, cada ano, o milagre do advento do Redentor e comunica a este apelo a força, o ardor, que o brado solitário das criaturas não pode alcançar.

Vim a esta casa de Paz, a este tranquilo retiro, suplicar convosco, e com todo o Brasil, que a



Paz, pedida com o pão de cada dia, seja dada a todos os povos, seja dada a todos os brasileiros.

Sabeis que a Paz não se entende meramente como ausência de guerra ou de efusão de sangue. Sabeis que a Paz envolve também isso, mas, acima disso, é uma atitude do espírito, um harmonioso equilíbrio, dentro de nós; fora de nós, é compreensão, é fraternidade e serenidade.

Se pedimos Paz, força é diligenciarmos por merecê-la, força é não esquecermos o que nos cumpre fazer de nossa parte, para que sejamos ajudados pelo Redentor do Mundo.

O homem é um colaborador de Deus, um agente da Criação. Que cada um de nós, no Brasil, em cada momento de sua vida, faça pela Paz algo que prepare a Paz.

O homem político, esforçando-se para que as divergências e controvérsias, que são da essência mesma da democracia, não resvalam do plano democrático, não criem antagonismos que desintegrem as instituições, não separem, pelo ódio, a nação em dois campos.

O chefe de empresa, ao satisfazer aos legítimos impulsos que levam o homem a criar, a agir, a afirmar-se, que não se esqueça dos direitos e das necessidades daqueles que lhe dão o seu esforço anônimo.

O trabalhador, ao defender as suas prerrogativas, as suas justas aspirações, que não olvide que o caminho da luta de classes só pode levar

à ruína comum de todos e, sobretudo, à ruína deste bem sem preço que é a liberdade.

O funcionário, o intelectual, o artista, o homem de campo, todos quantos, enfim, compõem as forças da inteligência e do trabalho, da cultura e da produção, cada qual se esmere em cumprir a sua tarefa com fervor, para que esta nação, que tanto espera do nosso amor e do nosso esforço, possa vencer galhardamente as dificuldades que estorvam a sua marcha para um grande e nobre destino.

Do que pela minha parte tenho feito, com diuturno zelo, pela Paz e pela prosperidade do nosso povo, em breve darei minuciosa conta, ao completar dois anos de governo. Apenas vos direi, por agora, que alavancas mestras foram movidas, providências básicas foram tomadas para que o Brasil se desvencilhe, em definitivo, de tudo quanto ainda lhe entrava a plena expansão.

Este não é um dia de prestação de contas. É um dia de família, um dia de transbordamento afetivo, um dia de universal congratamento da Cristandade. E, neste ameno retiro, quero participar convosco, quero compartilhar, com todos os lares do Brasil, da transbordante alegria natalina, do inefável sentimento que inunda todas as almas. Que Deus vos dê um Feliz Natal!”

JK, além de médico, político e construtor de sonhos, era um verdadeiro artista. Faz falta.

O conflito EUA-China e o porvir

» SACHA CALMON

Advogado

Yuka Hayashi, Liza Lin e Chun Han Wong, do Dow Jones Newswires, trazem boas informações: “A viagem da secretária do Comércio dos Estados Unidos (EUA), Gina Raimondo, à China, marcou a retomada do diálogo econômico e comercial entre Washington e Pequim, oferecendo alguma esperança para as empresas americanas que afirmam enfrentar condições de negócios hostis na China”.

Mas apesar de Raimondo ter prometido alguns resultados para os próximos meses, representantes dessas empresas disseram que continuam “muito preocupados com o impacto das crescentes tensões políticas entre os dois países”.

As companhias sofrem com as restrições dos EUA às exportações e aos investimentos e com retaliações da China, que se somam aos tradicionais obstáculos chineses, como subsídios discriminatórios e apropriação de propriedade intelectual. Os dois países são as duas maiores potências econômicas do planeta.

“Parece que a máquina voltou a funcionar”, disse Michael Hart, presidente da Câmara Americana do Comércio na China. A visita de Raimondo — a primeira em cinco anos do secretário do Comércio dos EUA — “esfria o tom, tornando-o mais construtivo e um pouco menos combativo”.

Numa demonstração do soft power dos EUA, Raimondo visitou a Disneylândia de Xangai, sorrindo e acenando para famílias e adolescentes. “É bom que eles (Washington e Pequim) estejam conversando”, disse Joe Schott, presidente e gerente-geral do Shanghai Disney Resort, referindo-se aos canais de comunicação estabelecidos.

Por outro lado, o local escolhido para a sua coletiva, o hangar da Boeing no Aeroporto Internacional de Pudong de Xangai, foi um

lembrete das dificuldades que as companhias dos EUA enfrentam. As empresas aéreas chinesas retomaram os voos com o Boeing 737 MAX em janeiro, mas a disputa comercial entre os dois países limitou as entregas de um punhado de outras aeronaves Boeing nos últimos anos e praticamente interrompeu os novos pedidos.

A Boeing tem reservados 85 jatos MAX fabricados para companhias chinesas, e a retomada das entregas liberaria um dinheiro bastante necessário. Apesar de algumas esperanças anteriores, Raimondo não mencionou a retomada das entregas.

Segundo o trio do Dow Jones Newswires, “depois que o governo Biden impôs controles às exportações, impedindo a tecnologia americana de fabricação de chips de entrar na indústria de chips chinesa, a China proibiu grandes empresas locais de comprar da fabricante de chips Micron Technology, citando ‘riscos de segurança significativos’”. Este mês, um acordo da Intel para comprar a companhia israelense Tower Semiconductor também fracassou, depois que as autoridades reguladoras chinesas não aprovaram o negócio.

A China respondeu por 13,3% das importações de bens dos EUA no primeiro semestre, o menor em 20 anos. Os investimentos externos diretos no país asiático caíram 48% em 2022, em relação ao ano anterior, e continuam caindo este ano.

Mesmo assim, Pequim insiste que a responsabilidade pela melhora das relações é de Washington. Na terça-feira, o primeiro-ministro chinês, Li Qiang, disse a Raimondo que Pequim espera que “os EUA encontrem a China no meio do caminho” e “adotem medidas mais práticas e benéficas” para desenvolver as relações bilaterais.

Os EUA continuam, sem poder ser, o país hegemônico que já foram. No plano nuclear,

topam com uma Rússia decidida, e, no plano econômico, não há como evitar a ascensão da China. É uma situação inevitável, e uma guerra não a resolve, pelo contrário.

O Ocidente e a Otan — não é de se esquecer que surgiu após a 2ª guerra mundial para combater um “bolchevismo” que nem mais existe — estão a ver a Índia pousar uma nave no polo sul da Lua, na parte escura.

O desenho do poder mundial muda do poderio atômico para o do aumento das trocas comerciais (aldeia global). Teremos e veremos intensas mudanças. Não será exagero dizer que a parusia está em construção.

É indubitável que cinco países em desenvolvimento com grandes territórios e vastos recursos naturais são candidatos a tornarem-se potências econômicas em avanços constantes: China, Rússia, Índia, Brasil e África do Sul (que geraram a sigla BRICS). Quanto ao Brasil, apesar de estar no chamado Sul Global, mantém boas relações com os EUA, a China e a Rússia, uma porção privilegiada.

A Ucrânia já aprendeu sua lição no que nos diz respeito. Zelensky não foi paparicado. O Ocidente tem gasto fortunas, sem êxito. Os sul-americanos e o sudeste asiático veem isso com indifarável desperdício, em detrimentos dos acordos regionais, o que favorece a China na sua marcha para a Europa Oriental (Bulgária, Romênia, Geórgia e Hungria estão construindo laços com os chineses).

Essa investida vem da chamada “nova rota da seda”, evoluindo a influência, sem alarde, da China para o leste europeu e a África. Sua presença na América do sul também é grande e silenciosa. A telefonia nacional, por exemplo, depende muito da China para operar a contento. Agora, a BYD, fábrica de automóveis, se instalou na fábrica da Ford em Camaçari, na Bahia (orla norte da região metropolitana).

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Lembranças da inteligência natural

Para que seja possível entender, com mais clareza, a natureza do atual momento político atravessado pelo país, sob a perspectiva de um novo e exclusivo modelo de democracia relativa, desenhada conforme o desejo de uma elite dirigente instalada no poder, é preciso, antes de tudo, adentrarmos no que os dicionários definem como ponerologia e patocracia.

Os termos, ambos criados pelo psiquiatra polonês Andrzej M. Lobaczewski, dizem muito sobre o atual momento político nacional. O primeiro pode ser definido como o estudo do mal, ou, mais especificamente, como ciência da natureza do mal adaptada a propósitos políticos. Em sua obra, *A Science on the nature of evil adjusted for political purposes* (Ciência sobre a natureza do mal ajustada para fins políticos, em tradução livre), por diversas vezes banida, por motivos óbvios, Lobaczewski descreve, com fatos históricos, um sistema de governo forjado por uma minoria psicopata ao assumir o controle da vida de pessoas numa sociedade.

Esses indivíduos passam, então, a ocupar posições em cargos políticos e de influência intelectual, sobretudo dentro das universidades, agindo, aqui, como uma espécie de “pedagogos da sociedade”. Em comum, eles nutrem ideias do tipo grandiosas, geralmente tendo como fonte processos mentais patológicos, que não os impedem de impor suas teses e seus métodos.

Nesse caso, o resultado vem com o empobrecimento da cultura e das tradições e com a deformidade do caráter das pessoas. Com isso, o cidadão passa a perder a capacidade de raciocínio lógico, incapaz de distinguir a verdade da mentira, passando a aceitar a paralogia desses psicopatas.

Daí decorre também o segundo conceito criado por Lobaczewski, a patocracia, definida como o modo como os psicopatas influenciam no avanço da injustiça social e, com isso, abrem caminho para a tomada do poder.

As características concretas a definir ambos os conceitos estão em toda a parte, desde a extrema desigualdade perante as leis de uns grupos em relação a outros, como no desejo contínuo de controlar os meios de comunicação; passando por corrupção generalizada e, no caso atual, feita pelos mesmos personagens de volta ao poder; supressão do individualismo; e valorização de artes e artistas que se enquadram no novo modelo. Nesse caso, abre-se um parêntese para lembrar que o atual governo destinou R\$ 16 bilhões da Lei Rouanet, com foco para artistas que o apoiam.

Há ainda o empobrecimento dos valores morais, como é caso da destruição da família, da religião, do conceito de pátria; a ideologia fanática; a intolerância e a suspeita aos que pensam diferente; o controle centralizado; prêmios para delatores; e pouca ou nenhuma transparência com o governo adotando medidas secretas e com alto controle interno.

Governo paranoico, com legislação excessiva e arbitrária, com o poder de decisão da sociedade removido, com hipocrisia e desprezo para com os cidadãos. Governo exercido pela força, pelo medo, pela exploração da sociedade por meio de impostos e encargos excessivos, pela restrição da vida espiritual, considerada como doutrinação, pela divisão arbitrária das pessoas por cor, sexo, credo e a instigação da luta entre eles; além da supressão da liberdade de expressão e de debates públicos e protestos, bem como pela violação de direitos humanos, como verificado no caso dos milhares de presos do 8 de janeiro passado, com detenção sem acusação formal, tortura e abusos.

» A frase que foi pronunciada

“De fato, eles podem imitar sentimentos, mas os únicos sentimentos reais que parecem ter — aquilo que os move e os leva a representar diferentes dramas para o efeito — é uma espécie de ‘fome predatória’ pelo que querem.”

Andrzej Lobaczewski

Divisas

» O engenheiro paulista João Conrado do Amaral Gurgel apresentava, no programa Silvío Santos, o primeiro carro elétrico do Brasil. Era o ano de 1974. Assim como Gurgel, milhares de gênios brasileiros são humilhados e desprezados pelas nossas autoridades.

Manha

» Pela história de Brasília, escrita por Ari Cunha nesta coluna em 1962, mudamos pouco ou nada de lá para cá. Pior é que muitas tendas distribuídas na região do Plano Piloto são habitadas por cidadãos que têm casa. Pegam as crianças e começam o acampamento pela manhã à espera de caridade.

Concentração

» Um acidente raro na L4 Norte ontem, à tarde. A via foi interditada porque ciclistas causaram o acidente entre si. Concentrados em velocidade, normalmente com a vista baixa, o elemento surpresa foi suficiente para o estrago. Clavícula, ombro, braço foram as partes mais atingidas. O Corpo de Bombeiros chegou rápido ao local e transportou os feridos mais graves para o hospital Home.

» História de Brasília

A polícia não demonstrou o mínimo desejo de cooperar com a cidade, evitando a proliferação de barracos. Efetivamente sua missão é outra, e, desde que haja disposição em não ajudar, calaremos a boca. Vamos bater noutra porta, contanto que o Plano Piloto não seja tão prejudicado. (Publicada em 28/3/1962)